

## ANA HATHERLY: SOU A GATA

Nadiá Paulo Ferreira

(UERJ)

[nadia@corpofreudiano.com.br](mailto:nadia@corpofreudiano.com.br)

Ana Hatherly (Porto, 1929), além de poeta, artista plástica, cineasta e ensaísta, é professora aposentada da Universidade Nova de Lisboa, onde se dedicou ao estudo do Barroco português. Além dessas atividades, liderou junto com o poeta Melo e Castro o movimento da Poesia Experimental Portuguesa.

Em 2007, lança mais um livro de poesia, *A Neo-Penélope*, publicado pela editora &etc. No ano seguinte, em 9 de fevereiro, o jornal lisboeta, *Diário de Notícias*, publica, nas páginas 16-17, a entrevista que Ana Marques Gastão, poeta, redatora cultural e crítica literária, fez com Ana Hatherly, para celebrar 50 atividades literárias. Eis a entrevista:

**Ana Marques Gastão:** Comemora, em 2008, 50 anos de actividade literária com a publicação de *A Neo-Penélope* pela &etc. Meio século depois, a sua obra continua a ser marginal e insituável. Quer fazer um balanço?

**Ana Hatherly:** Cinquenta anos é muito tempo. Aconteceram muitas coisas na minha vida, no nosso país e no mundo. O meu trabalho foi muito intenso e múltiplo. Abarca três vertentes: a literária, a artística e a pedagógica. No que diz respeito às duas primeiras, escolhi o caminho da independência sem me preocupar com êxitos fáceis. Quanto ao ensino universitário, decorreu da minha investigação da cultura do período Barroco português, que foi e continua a ser um trabalho de eleição.

**Ana Marques Gastão:** Quem é esta Neo-Penélope que “Não tece a tela / Não fia o fio / Não espera por nenhum Ulisses”?

**Ana Hatherly:** É uma desconstrução do mito de uma passividade feminina que (só?) o homem dinamiza. A Neo-Penélope não espera por nenhum herói – Ulisses, Cavaleiro Andante, Príncipe Encantado – nem considera obrigatório ser esposa de ninguém. Mas isso não quer dizer que tenha desistido de amar.

**Ana Marques Gastão:** O seu desenho, que ilustra a capa, contém a desconstrução e a fragmentação, qualquer coisa das damas japonesas e do “seu secular

sequestro”, o erotismo, algo da arte funerária cicládica. A figura, andrógina, não tem olhos nem boca. Fala mudo?

**Ana Hatherly:** Exactamente. É uma postura caracteristicamente feminina.

**Ana Marques Gastão:** Traz dentro de si a sátira, raríssima na poesia feminina, produto também da sua ligação ao Barroco, no qual se especializou...

**Ana Hatherly:** A sátira, um género antiquíssimo, assim como a ironia – afiado gume da crítica elegante – são recursos estilísticos que eu aprecio muito e pratiquei largamente na minha escrita criativa, de que são exemplo, entre outros, *O Mestre* (1963), *Anagramático* (1965-1970) e as *463 Tisanas* (1969-2006). Na sua forma nobre, são raros na literatura portuguesa e, de facto, quase inexistentes na literatura feminina. É mais um dos aspectos em que a minha obra é uma excepção.

**Ana Marques Gastão:** Numa linha de coerência com toda a sua obra, *A Neo-Penélope* é, de algum modo, uma partitura, com três andamentos. No primeiro ciclo de poemas, faz o retrato do temperamento feminino, da subtileza à audácia, da paixão à crueldade, do corpo-alma à sombra-luz. Que levou a fazê-lo?

**Ana Hatherly:** Tem, de facto, essa semelhança estrutural. As três partes em que está composto o livro correspondem ao que poderá descrever-se como três andamentos de uma partitura musical. Como já foi observado por alguns estudiosos da minha obra, o pensamento musical tem nela uma presença estruturante, vejam-se por exemplo as 31 Variações sobre a Leonor de Camões. Em *A Neo-Penélope* esse aspecto é também muito claro. Utilizei-o porque o considerei funcional.

**Ana Marques Gastão:** Partindo da fábula de Alice – a que não são alheios os estudos psicanalíticos –, faz, no segundo andamento (Alice no país dos anões), um mínimo tratado poético sobre a visão masculina tradicional sobre a inocência da mulher. Alice como paradigma. Que país dos anões é este de que fala?

**Ana Hatherly:** De facto, a minha abordagem actual da fábula de Alice tem muito a ver com os estudos críticos e psicanalíticos feitos em Inglaterra na década de 1970, que eu agora reli, nos quais é analisada a vertente lúbrica que nela se pode encontrar, como aliás em outros exemplos de literatura infantil tradicional. Na *Neo-Penélope*, Alice surge como paradigma de uma certa atitude masculina em relação à mulher, que busca na imagem da sua inocência o reforço da sua prepotência. Quanto ao país dos anões, preciso lembrar que O País das Maravilhas sem que Alice é lançada é

um país do absurdo, um país do *non sense* em que ela sofre e até chora um lago de lágrimas.

**Ana Marques Gastão:** Alice não quer pertencer ao sonho de outra pessoa, não deseja ser *majorette*, resiste dolorosamente, está cansada dos “petites appetites” dos malévolos anões, dos pedófilos disfarçados. Quem é esta menina-mulher?

**Ana Hatherly:** É a Neo-Penélope. É a criança que acordou. A criança que se tornou adulta e não quer pertencer à coutada do homem insensível onde apascenta as coelhinhas que colecciona. Também não quer ser nem menina-tonta, nem Lolita, nem Barby.

**Ana Marques Gastão:** O terceiro andamento (Epigramas e sátiras) dir-se-ia uma jocosa crítica social na qual até subverte mitos como o de Ícaro? Concorda?

**Ana Hatherly:** Toda a sátira implica crítica a determinados aspectos da sociedade contemporânea. Abordo, neste livro, algumas das suas facetas violentas. Quanto a Ícaro, transformando-o em trapezista, salvo-o de afogamento, mas coloco-o no arriscado baloiço do equilíbrio instável...

**Ana Marques Gastão:** A *Neo-Penélope* move-se no domínio da contemporaneidade, tal como demonstram *Carta de Amor em Metáfora de Automóvel* ou *Carta de Amor Informático*. Sempre a transgredir?

**Ana Hatherly:** Na *Carta de Amor em Metáfora de Automóvel* (que neste caso é a Musa da História), transformo com o modelo tradicional da “queixa de amor” numa criação neobarroca contemporânea. Na *Carta de Amor Informático*, o vocabulário usual da queixa de amor é violentamente transposto para um léxico típico do século XXI.

**Ana Marques Gastão:** É como se, neste livro, na reformulação da tradição, se fizesse uma síntese de todas as suas preocupações: o desejo, o amor, a improbabilidade, o desaparecimento, a morte, a escrita, o fantasma, a transgressão. A *Neo-Penélope* é um labirinto em que nem a questão do Mestre fica de fora?

**Ana Hatherly:** No conjunto das suas três partes *A Neo-Penélope* compreende ou **alforatodos** esses aspectos. A imagem do labirinto, como metáfora do mundo ou metáfora do existir, esteve sempre no centro das minhas preocupações, reflectindo-se em todo o meu trabalho. Os estudos do Barroco que eu levei a cabo contribuíram para aprofundar essa incidência.

**Ana Marques Gastão:** Como se aterrássemos num jardim secreto, o do conhecimento, o do invisível?

**Ana Hatherly:** O jardim secreto é uma encantadora metáfora de uma realidade terrível.

**Ana Marques Gastão:** É isso que fazem alguns grandes artistas: apropriam-se dos símbolos, dos mitos e sobre eles erguem a sua obra?

**Ana Hatherly:** Sim, como já em outro lugar eu disse, o poeta, como emblema do criador, persegue todos os símbolos, todos os vestígios, ou seja, toda a memória que corre no seu sangue, e para além do espelho inventa o inaudito.

**Ana Marques Gastão:** Ana Hatherly é como o gato de Cheshire? Desaparece, de súbito, mas deixa ficar atrás de si um sorriso?

**Ana Hatherly:** Sou a gata.